

750  
SYLVIO JULIO

---

# PÁGINAS IBÉROAMERICANISTAS



1923

Empresa Ind. Editora "O NORTE"  
RIO DE JANEIRO

SYLVIO JULIO

---

ÍNDICE IBEROAMERICANISTAS



1923

Empresa Ind. Editora "O NORTE"  
RIO DE JANEIRO

## OBRAS DE SYLVIO JULIO

### PROSA:

- A covardia (53 ps. 1914)
- A miseria dos poetas (14 ps. 1916)
- Mãos brunas (24 ps. 1917)
- Espelho (232 ps. 1919)
- Pampa (296 ps. 1919)
- O Nordeste desamparado (18 ps. 1920)
- A mentalidade cearense de hoje (24 ps. 1920)
- Palavras á intellectualidade cearense (11ps. 1920)
- Fraternizemos (10 ps. 1920)
- Factores historicos (83 ps. 1920)
- Tres estudos sobre a Argentina (42 ps. 1923)
- Noticias do Ceará (100 ps. A sahir do préio)
- Idéas e combates (350 ps. Brevemente)
- Bôa intenção (Em preparo)

### VERSO:

- Currente calamo (96 ps. 1914)
- Ave, Uruguay! (1ª ed. 10 ps. 1915. 2ª ed. 36 ps. 1918)
- Teu livro (50 ps. 1916)
- Torre azul (Em preparo)

## OS VERSOS DE MAX GRILLO

*A Waldemar Bandeira.*

Quem começa a escrever poesias nunca toma, desde a primeira hora, rumo definitivo. Parece que a mocidade, pretendendo abarcar tudo num rythmo ainda ignoto, cabeceia a torto e a direito; reproduz, sem o perceber com clareza, fórmulas de velhos mestres; cataventeia, afinal, entre os mais longinquos espiritos de esthetas, de pensadores, de simples diletantes. Julga-se original e completa. Julga-se até mesmo perfeita. Mas depois, á proporção que a vida esfria, o belletrista perde grande parte dessa vaidade e, severamente, do alto do penhasco que domina o passado, vae sorrindo aos seus sonhos iniciaes, para corrigil-os dos ardôres da inexperiencia.

Assim, os povos. Em coisas de arte, os povos abrem a marcha tremulamente, sorvendo, engolindo o que alcançam: brisas e calhãos, perfumes e miserias, sangue e agua ingênua, o bem e o mal, o ruim e o bom.

E' o caso da América. Filha do futuro, criança que se ensaia nas caminhadas da gloria, ella não se uniformizou, não se regularizou de modo nenhum; pois tanto psychológica, sociológica, como physiologicamente, suas raças não constituem quadro emoldurado a capricho, algo parecido a jardim medido, aparado, artificializado. Caracteriza-a, por emquanto, o tumulto, quasi a anarchia de ideaes, de tendencias, de planos, de métodos, de realizações, de vocábulos, de typos, de vestes, de canções, de construcções syntáticas, de aspirações politicas, de capacidades civilizadoras, etc.

Ha, entretanto, elementos de ligação. De facto, as raças da América, si por um lado estão distanciadas, pela indole da sua educação ibérica, pela religião que lhes impoz o conquistador, pela estrutura fundamental do idioma que usam, pela maneira tradicional de administrarem as multidões e pelos factores mais possantes da mentalidade estão unidas, talvez para sempre.

Generalizando, de propósito esquecendo pormenores personalissimos, aqui lembramos nomes que mostram cabalmente que, no porvir, as raças da América, fixadas as suas tonalidades locais, conservarão como base da sua alma os traços ibéricos: Juan Montalvo e José Joaquin de Olmedo, Sarmiento e Olegario Andrade, Rufino Cuervo e Andrés Bello, Enríque Rodó e Rubén Dario, Ricardo Palma e mil, todos de significativa enfiatura.

Bem. Não nos simelha crime collocar visinho desses cumes inalteraveis a silhueta nervosa de um técnico da rima, cheio de vibratilidade e de encanto pela sua Colombia natal. — a leve, a subtil, a inquieta silhueta de Max Grillo. Basta affirmemos que o ourives e o patriota se casam nas estrophes de Max Grillo, de modo que as bellezas e os pensamentos não se podem ahí distribuir em dois blocos. E' que Max Grillo, aliás procuradamente, reduzio todos os seus desejos, todas as suas ancias de elevação a uma columna unânime e severa, onde gravou os symbolos do destino. Apagar um symbolo seria quebrar a columna.

Explicar a origem da sua concepção poetica não é difficil. Conhecemol-a, porque dos proprios labios do bardo a ouvimos. Disse-nos, não ha muito:

— Cansei-me dos tempos de hoje. Volto á harmonia dos gregos, fonte inexgotavel de sabedoria e felicidade.

A um exame superficial, certos criticos o encontrariam, por causa deste criterio, incapaz de sentir a balburdia da América contemporanea. Enganar-se-iam. A tempestade, a commoção oceânica da América contemporanea possui tambem seu compasso, embora em vias de apreensão. E é util arrancar-o do mysterio, instrumentando-o ao imperecivel compasso que Homero, Esquilo,

Eurípides e Sophocles perpetuaram. Só desta maneira chegaremos ao cumprimento daquelle voto de um inumeravel coração mundonovista:

"A' medida que a humanidade avance, conceber-se-á mais claramente a lei moral como uma esthética da conducta. Fugir-se-á do mal e do erro como de uma dissonancia; buscar-se-á o bom como o prazer de uma harmonia."

Juramos que Max Grillo aceita esta philosophia encantadora, banhada em Renan e Guyau. Touca-se de sua candidez a música que elle derrama pelos seus versos. As phrases limadas deixin perceber, com argucia e senso analytico, a meiga alegria dos corações que, na existencia, só se rodeiaram de cánticos, risos e flores. Olvidados pessimismos de attitude, inconsequentes e occasionaes, o que singulariza a sua obra é a discreção e a ténue claridade da fortuna. Corolario: a estrada firme, ampla, arejada, em que pisam os sacerdotes da belleza, desemboca, deslumbradoramente, naquelle paraizo que almejamos, onde cresce a árvore dadivosa da felicidade. O mais relativo dos mythos, portanto, aninha-se no peito do artista, quando o artista o é sem discrepância e se concentra dentro da sua illusão.

Max Grillo esforça-se e escreve canções lixadas, polidas á maravilha. Para o seu temperamento, o exterior vale enormemente. As orações, uma vez seleccionadas, realçam as idéas menos profundas. Tudo está em dar-lhes ondulação e suspendel-as a tempo. Estacionemos. Não percamos explicações. É sufficiente recitar-lhe estas quadras:

*Refiere un mandarin, poeta chino,  
que hay una flor en el Celeste Imperio  
que hace olvidar al hombre su destino  
y lo trasporta al mundo del misterio.*

*Ansioso la busqué. Los mandarines  
más sabios me dijeron: "Es en vano.*

*No la hallarás en bosques ni jardines,  
que nace entre el azul del oceano”.*

*“Quiero bajar al antro proceloso.  
(Dije a los mandarines)—Do está el fuerte  
buzo que quie al seno del coloso?”  
... Y contestaron todos: “Es la muerte!”*

*Confucio me perdóne; el viaje es largo  
y adoro la belleza todavia,  
y quizás las deidades el amargo  
licor endulcen de la copa mía.*

Um romântico, ao escutar aquella resposta dos bonzos, que resolveria? Si a morte é o escaphandro que leva ao seio do mar, onde a flôr cabalística dorme, o cantor estrepitaria com êmphe:

— Benvinda seja a parca! Que ella desça sobre as minhas pupilas, para que eu traga á luz do sol a rosa incandescente da vida!

Não são os gestos de Max Grillo. O trovadôr da terra de José Asunción Silva ama o embalo das rêdes, adora o cume das montanhas inaccessiveis, prefere, á dôvida da ténegra, a loira claridade dos dias de primavera. Roga, desta sorte, perdão a Confucio, para escapar-se do nirvana e ir andando pelo *tal valle de lágrimas*, que, na última conta, sempre tem sua graça.

A sobriedade é inquebrantavel nos versos de Max Grillo. Estatuas imperturbaveis, seus rythmos nos agradam, visto que são proiungamento do aphorismo de Platão:

“... um poeta, para ser verdadeiro poeta, não deve compôr discursos em verso, mas inventar ficções...”

Max Grillo não arruma *discursos em verso*. Attico por theoria e disciplina do sentimento, torceu, como Verlaine, o pescoco á eloquencia. E aniquilou, como Rubén Darío, o que pejorativamente se denomina literatura.

Llamóme estas rimas:

*Es un sol de Dionysos tu dorada cabeza.  
Es un triunfo tu cuerpo del amor y la gracia.  
En tus ojos que fulgen palideces de acacia  
va el ensueño indeciso de una suave tristeza.*

*Cual siguiendo quimeras, tu mirada errabunda  
se sumerge en las noches luminosas de Junio,  
y en los rayos liliales de un blanco plenilunio  
tu cabeza de tenues resplandores se inunda.*

*En Corinto humillaras los clásicos modelos  
con tus líneas que expresan un alegre cansancio.  
En tu honor resonaran las cítaras en Delos,  
las flautas decedentes de la imperial Bizancio.*

*Amarían los dioses tu apacible hermosura.  
Cincelaran tu busto los cincelos antiguos.  
Trémulos te siguieran los sátiros ambiguos  
con ojos mortecinos por la floresta oscura.*

*En Atenas irías con guirnalda de rosas,  
con guirnalda de mirtos, de serpolio y espliegos.  
Te escanciarían vino las canéforas. Griegos  
hermosos te dirían las palabras hermosas.*

*En tus ojos que irradian un fulgor indeciso,  
un verde amarillento de retoño temprano,  
se asoman dos esfinges de corazón pagano  
y adivinan las almas un nuevo paraíso.*

De que maneira Max Grillo afinou a sua personalidade literária? Interessante, elucidá-o. Para tanto, urge salientar-lhe o



carinho pelos genios gregos e pelos formidaveis padrões da arte espanhola. Em seguida, cumpre exaltar-lhe a cultura geral, mãe da modestia. Além do gosto que elle revela pelos gregos inadjectivaveis e pelos mestres da hymalaica mentalidade espanhola, somos forçados a apontar-lhe as leituras universaes que nunca abandonou, isto é, a sua assignavel cultura geral.

Insigne prescrutador da historia, Max Grillo dirige-se a um systema de poética que poucos podem, com vantagem, plasmar. Seu americanismo desdobra-se á maneira de reflexo da historia.

Vem á tona a debatida questão do mundonovismo. Aceite-mol-o ou não, discutamol-o. Em que consiste? Não é nada?

Gonzalo Zaldumbide nega-o:

“Que existe em formação uma alma hispano-americana, provando-o estão — porem como se prova o movimento: andando — vinte nações similhantes que vivem, actuam e sentem. Mas esta alma ainda não se destaca inconfundivel e distincta em sua literatura: não chegará nunca a ser tão diferente da espanhola e da europeá do occidente, que baste para constituir uma literatura substancialmente diversa”.

Com mais tino, na mente as leis da sociologia, no coração os nomes excelsos de José Hernández, Estanislao del Campo, Hilario Ascasubi, Javier de Viana, Eduardo Acevedo Diaz, Carlos Roxlo e de outros, Cesare Arroyo o applaude:

“Clima; sangues aborigens, dos quaes no Mundo Novo ficaram grossos sedimentos, sangues de immigração que caudalosamente fecundam essas regiões; diversidade grandiosa de scenarios naturaes; restos de idiomas extinctos que desabotoam nos brotos de vocábulos indigenas, que, por designarem objectos particularmente americanos, não encontram equivalente em nossa língua: vozes ancestraes, tradições e lendas; todos os elementos, alfim, de um mundo novo, agindo ao mesmo tempo, moldearam a alma espanhola, modificaram-na e deram uma resultante magnífica: a alma hispano-americana, que se manifesta em consideravel literatura que, seguindo a evolução natural e lógica de quaes-

quer literaturas, está hoje vencendo sua primeira etapa — a edade lyrica, que não é possível radiar e fascinar mais do que fascina e radia”.

Max Grillo, no seu poemeto *El Magdalena* e no seu canto *Al Illimani*, denota a semrazão de Zaldumbide e o accerto de Arroyo. Circulam nos seus versos seivas de árvores virgens e lágrimas de tribus derrotadas. Anima-os o impeto bronzineo dos conquistadores, que com o proprio sangue regaram a idolatria indígena. Ao cabo, a independência e seus heróes lhes emprestam fulgurações de raio e doçura de fructos inéditos.

E’ o que ninguem nega: a poesia hispano-americana somma a melancolia do indio, a aspereza do soldado ibéro e a natureza contradictoria em que soldados ibéros e indios se chocaram.

Copiemos, para fundamental-o, esta canção de Max Grillo:

*Yo vi los hombres tristes descendientes de aquellos  
de los lisos cabellos,  
del oblicuo mirar,*

*sentarse a las orillas de sus hondas lagunas,  
en los valles floridos o en las áspéras dunas  
a la plácida luz lunar.*

*El nombre de sus dioses ya nada les decía  
Olvidados de Chio,  
de su padre Zuhé,  
con la mirada turbia, melancolicamente,  
en sus rústicos pifanos un aire decadente  
cifraba la raza que fué.*

*Ni en Siecha recibían el cacique sagrado,  
fabuloso Dorado,  
hijo noble del Sol;  
ni señalar podían de Suamox el recinto*

*y su templo de palmas donde vibró su instinto  
el alma del fiero español.*

*Del viejo Chimborazo por la yerma peana  
con su altivez serrana  
noblemente los vi  
pasar indiferentes, con las pupilas duras  
clavadas como puntos en las blancas alturas,  
bajo su cielo carmesi.*

*Parcían sus bustos fundidos en la fragua  
del ronco Tunguragua,  
en selecto metal;  
eran sombras errantes de la tribu de Manco  
que miraban con odio de vencidos al blanco  
y a sus deidades de nogal.*

*Y los miré alejarse por la senda sombría,  
en la melancolía  
del último fulgor.  
silenciosos y altivos, con altivez de reyes  
que tenían su alcázar y dictaban sus leyes  
bajo el nevado Emperador...*

Um espanhol que se apossasse de tão elegíaco motivo o movimento, empollando-o de metáforas. Fatalmente o revestiria de púrpura e o solitaria, a galope, pelas campinas da inspiração, onde, de quando em quando, as exclamações se empertigariam. Nicolás Heredia entende que "o espanhol despreza o sentimental e se inclina ao heroico".

Hispano-americano, Max Grillo esculpí-o finamente, humedecendo-o com o pranto das victimas dos alvos e barbados invasores do Novo Mundo, emoldurando-o com a religiosidade de uma natureza escancarada em vulcões e emmaranhada de selvas invio-

ladas. Blanco Fombona assevéra que os cantores hispano-americanos se distinguem dos da península "por uma maior e mais refinada sensibilidade".

Salvo Jorge Manrique, Garcilaso, Espronceda, Bécquer, Juan Jiménez, Querol e uns dez outros, os poetas espanhóis se pautam pela musa de Herrera, Quintana e Zorrilla, caudilhos da tuba colectiva.

Na América Espanhola os mais turbulentos lyridas trocam o porte marcial por commedidos louvores ás suas apaixonadas. A popularidade de *Maria*, a constante novella de Jorge Isaacs, é o melhor testemunho desta verdade.

Complemento seu, os versos de Max Grillo. Os bellicosos enrêdos nelles colorem-se de um cinzento immaculado, — mixto da neve dos picos vulcânicos e da verdura compacta das mattarias. Mas o cinzento immaculado das suas cadencias não rememora cortejos fúnebres em dias de garôa; delicia os corações com os seus flébeis, fluidicos arrulhos, como o de enamorados pássaros dentro da frondosidade de uma vegetação vivificadora.

Max Grillo exilou-se da hora de arestas e bailados desconcertantes. Recolheu-se á sombra das selvas e das flôres extrafo vinhos que jamais se beberam. Os seus olhos semicerraram-se, ao torpôr das séstas. A dança dos sonhos, que em torno de si divinamente serpenteou, não era a dô frenesí, que os seus pés breves voavam a modo de abelhas. E um manto de pétalas desceu sobre a sagrada lyra, que começou a planger.

## Mario Gutiérrez e as relações Brasil- Mexicanas

*A Sylvio Corrêa de Britto.*

Não ha quem ignore o êxito alcansado pelos mexicanos no Brasil. Todos os jornaes e revistas, ao receberem perguntas de interior, a respeito da Exposição do Centenario, responderam:

— O pavilhão mais bello é o do Mexico.

— As festas mais significativas que nos tributaram foram as dos representantes do Mexico.

Realmente, o pavilhão mais bello, o que se apresentou com mais originalidade, o que nos apresentou grande caracter nacionalista, o que nos mostrou forte sentimento esthetico, não ha duvida que foi o do Mexico. Das embaixadas especiaes, das comissões intellectuaes que nos visitaram, das consagrações que recebemos, das homenagens que nos prestaram pequenas e possantes patrias, a melhor, a que ainda perdura, em nossa saudade, é a do Mexico. Os escriptores, pintores e esculptores do Brasil correram ao pavilhão do Mexico e pediram livros, photographias, informações. Não custaram a declarar, com absoluta espontaneidade, que a Nova Espanha, berço de Diaz Mirón, de Amado Nervo e de Urbina, a Nova Espanha que deslumbrou Humboldt, é digna de hombrear, pela sua arte, com as mais afamadas civilisações. Por outro lado, os nossos pedagogos, os nossos jornalistas, os nossos literatos affirmam, convictos, que José Vasconcelos e seus companheiros deixaram nos seus espiritos fundas recordações,

não só pela energia jovem que revelaram, mas também pela cultura e talento formidável com que nos encantaram.

Tudo isto é certo. Tudo isso traduz a verdade. Aliás, não representa surpresa, pois o país que gerou mentalidades do valor de Gutiérrez Nájera e tantos outros, claro está que devia salientar-se assim.

Parece razoável que o país que possui um preterito de formosura e heroicidade não pôde apresentar-se mediocremente.

Attribua-se a tal ou qual factor a victoria do Mexico entre os brasileiros. Mas uma coisa é indiscutível: quem se preocupa diaria, teimosamente, com a diffusão da cultura mexicana no Brasil, quem distribue aos belletristas do Brasil obras sobre a intellectualidade mexicana, quem aos cientistas brasileiros fornece completos trabalhos que tratam do Mexico é Mario Gutiérrez, agente commercial da sua patria em toda a America do Sul.

Os serviços que esse moço vaé fazendo ao Brasil e ao Mexico são enormes. Rapazes que, antes, não conheciam quasi nada do torrão de Churutusco e Querétaro, rapazes que olhavam para o torrão de Puebla e Chapultepec, de Pedro Maria Anaya e do tufilamento de Maximiliano, de Ortega e dos *niños héroes*, como si olhassem para mysterioso reino de lenda, hoje, graças a Mario Gutiérrez, andam a escrever pelas folhas sobre assumptos mexicanos. Mario Gutiérrez meteu-lhes estudos notaveis nas mãos, obrigou-os — com engenho, é evidente, — a compulsar analyses dos dias précolombinos, coloniaes e modernos, até que chegaram a surgir nas columnas dos jornaes, francamente commovidos deante da historia do Mexico.

A persistencia de Mario Gutiérrez é colossal. Nada o desatina. Si a sua estadia no Rio de Janeiro estender-se, publicará rico mensario de propaganda, onde serão estudados todos os pontos da vida mexicana. Para esse fim, elle conta com perto de duas mil photographias das civilisações antecortezianas, com outras tantas da conquista espanhola e com o quadruplo de vistas do Mexico contemporaneo. Senhoritas lindas, senhoras da fina socie-

dade mexicana, typos populares, indias encantadoras, bailes, festas religiosas, reuniões aristocraticas, retratos de generaes, commerciantes, poetas, caricaturistas, sabios, pensadores, periodistas, actores, theatros, cinematographos, bancos, bondes, trens, que não colleccionou Mario Gutiérrez, disposto a editar a sua revista de intercambio?

Dir-se-ia que Mario Gutiérrez se dedica fervorosamente a preparar um grupo de brasileiros capazes de o ajudarem nessa empresa de alta importancia. Raro é o dia que elle não reúne diversos jornalistas e escriptores para deslumbral-os com as maravilhas da arte mexicana. O ardôr com que o pratica é infinito. E' labôr intimo, ponderado, consciante. E tem dado resultados apreciaveis, permittindo a muitos irem tomando gosto pelos themas americanistas.

Sim, convém accentuar que, pelejando em pról do Mexico, Mario Gutiérrez illustra o americanismo, — o ibéro-americanismo e não o abominado pan-americanismo. Assim, a sua labuta espiri-tual concorre para o triumpho esplendido das doutrinas de Manuel Ugarte, José Ingenieros, Tulio Cestero, Blanco Fombona, Santos Chocano, Garcia Godoy, Armando Donoso e mil, que seria impossivel citar.

Existisse no Brasil um círculo de estudos ibéro-americanos, em que os seus membros, de facto, se interessassem por cousas do Novo Mundo, e com criterio o fizessem, não com superficialidade, Mario Gutiérrez mereceria o logar de seu primeiro socio honorario. Bastaria para justifical-o o seu apostolado. As conversões que executou — e que passam de cem — justificam-no admiravelmente. Como, porém, o círculo de estudos ibéro-americanos não existe, que a imprensa do Brasil o substitua ou o supra, prestando a Mario Gutiérrez o preito de gratidão que lhe devemos.

.....

Emquanto foi segredo a vida das nações a diplomacia teve bastante occupação. Era a alcoviteira das alcovas imperiaes, a

espiona refalsada, a hypocrisia em seda e reconhecida pelo protocolo. Hoje é inutil. Pode ser que noutros lugares ella se destine ainda a alguma coisa. Na América Espanhola, não. Na América Espanhola, por todas as razões, esse trambôlho de nada serve, nem durante a paz, nem durante os tristes momentos de desavença.

Afortunadamente os paizes da América Espanhola não occultam os seus desígnios, gostam de publicar os seus programmas e agem com sinceridade moça. Obrigados a seguir a tradição, nomeiam ministros e embaixadores; mas, salvo circumstancias inesperadas, em geral os escolhem entre os imbecis das últimas camadas intellectuaes. E' que os preferem perfeitamente superfluos, para que não resultem perigosos. Assim, desejam que, perigosos ou superfluos, jamais consigam passar de solemnes idiotas.

Si não existisse tal criterio, as sandices desses pascacfos de espinha molle muitas vezes d'ariam em desgraça. Acontece, todavia, que a sua insophismada estupidez é justificativa de irresponsabilidade. Ao vir á tona qualquer problema grave, logo os coitados, sempre ignorantes, bradam por soccorro, que é, no caso, um homem de cultura, tino e genio. Eis ahí a origem dos enviados especiaes.

A Exposição do Centenario, embora mal organizada, mostrou aos brasileiros que estas verdades são axiomáticas. No que concerne ao México urge salientar o papel de Mario Gutiérrez, cujo trabalho de divulgação e approximação refflorio immediatamente.

Uma idéa sua, luminosa, admiravel, applaudida, é a da criação do gabinete público de leituras mexicanas. Sem perda de tempo, juntou tres mil volumes dos maiores autores, assim poetas, romancistas, narradores, como juriconsultos, anthropologos, historiadores, etc.

A base, portanto, cimentou-a num momento. Em seguida, com o intuito de coroar os seus proprios planos, tratou de espalhar as revistas e jornaes do México.



Ha mais. Fundado o gabinete público de leituras mexicanas inaugurar-se-á a sala de conferencias, onde falarão successivamente demologistas, grammáticos, economistas, militares, financistas, ethnographos, agricultores, sobre themas da terra de Enríque González Martínez.

Mario Gutiérrez, laborioso e consciante dos seus deveres, prepara, de prólogo, um curso para a sala de conferencias do gabinete público de leituras mexicanas. Então, discursará sobre o petróleo do México e seus congêneres.

Attendendo ao nosso franco entusiasmo, apezar da incapacidade incontrovertivel da nossa intelligencia, Mario Gutiérrez nos convidou para abrímos a sala de conferencias. Relutamos, certos de que não merecemos tanto. Insistio e nos fez prometter-lhe que dissertaremos a respeito dos *Varios tipos de architectura entre os indios do México*.

Além dos tratados que compulsamos, analysamos nítidas photographias das ruinas da Palenque, Chichén Itzá, Uxmal, Labnah, Xochicalco, Tepoztian, Mitla, Tezcutzingo, Teotihuacán e diversas. Desta sorte, talvez concorramos para a vulgarização, no Brasil, das curiosíssimas civilizações précolombinas do México.

Mario Gutiérrez forneceu-nos um sem-número de magnificos elementos. Devemos destacar, como invencivel, uma obra em tres avantajados tomos, que o governo mexicano editou: *La población del valle de Teotihuacán*.

Não é das communíssimas publicações officiaes de todo o mundo. Vale a pena verifical-o. Compilação seleccionada do que ha de bom, synthese imparisavel das dontrinas que circulam sobre o valle de Teotihuacán e sua população, os tres avantajados tomos constituem elevado monumento de sabedoria e observação. Cada uma de suas partes assigna-a especialista de irrepreensível quilate, autoridade propalada na materia, respeitavel técnico. Por isto, os assumptos se estudam exhaustivamente e o que contém é alimento para cerebrações sadias, habituadas á altura e aos mergulhos nas profundidades oceánicas da sciencia.

Continuar-se-ão de tal maneira as prelecções sonhadas por Mario Gutiérrez para a sua sala de conferencias, que, afinal, os ouvintes alcançarão formar juizo de conjuncto em torno do progresso mexicano. Com satisfação declaramos que a rachytica impressão da conversa inicial desmanchar-se-á, quando tomarem a palavra Gustavo Barroso, Da Costa e Silva, Rosalina Coelho Lisboa e outros.

A sala de conferencias que Mario Gutiérrez criará contará com um *número* original. Gente de voz clara, que maneje o castelhano, lerá trabalhos de escriptores do México, sobre o México, para que nos inteiremos, aqui, da labuta mental dos nossos queridos irmãos nascidos no mesmo ninho de luz em que nasceu Juarez. Temos nas mãos dois ensaios inéditos e valiosos, que se recitarão opportunamente: *Orígenes de la novela en México*, de Luís Castillo Ledón, e *La música entre los antiguos mexicanos*, de Jesús Galindo y Villa.

Basta. O que ahí fica são factos, embora apenas esboçados. Não são curvaturas e aparvalhados risinhos de bochechas diplomáticas.

Mario Gutiérrez é um benemérito. Mais tarde, contemplados os efeitos da sua actividade, ninguem ousará escurecer-lhe as vantagens, sem controversia superiores aos rapapés dos almo-fadinhas.

Mario Gutiérrez é um modelo de tenacidade. Dentro de alguns annos, avaliados os seus gestos, não haverá quem se afoite a collocal-os sob a flácida imprestabilidade dos ...encascados.

## Um jovem romancista do Mexico

*A Saúl de Navarro*

Entre o mundo real e o sonho dos poetas nada ha de commum. Si a crua verdade de todos os dias se transformasse em idealidade, talvez o homem fosse feliz. Quem sabe!...

Isto nos diz, vagamente, o romance "La chiquilla", do escritor mexicano González Peña. E' livro de revolta, mas doloroso pelo seu naturalismo espontaneo, que não conhece regras de escola e apenas publica a miseria social com toda a sua cauda de baixezas. Ahi está, não a tradução mais ou menos disfarçada das obras de Zola, porém a sincera repugnancia que sente um espirito jovem deante do monturo moral que é a vida.

"La chiquilla" sugere-nos certas meditações de caracter universal, cujos traços pessimistas se devem buscar no ambiente burguez, nunca no temperamento pessoal do literato. A' primeira vista, dir-se-ia que qualquer desequilibrio organico gera o estado perpétuo de intransigencia e nojo; mas exame ponderado das circunstancias permite que se perceba, na tal rebeldia constante, um fructo da perversidade do meio que nos oprime, por todos os lados.

Logo de entrada, "La chiquilla" nos convenceu que a America Latina não precisa das velhas estatuas europeas. Nota-se nessas paginas um sopro de saude, que a fatigada plaga d'além-oceano já não entende, nem produz. Ao envez de paradoxos e hypocrisias aristocraticas, ao envez de névoas e decadencias, ao envez de exquesitices duvidosas, a novella americana (e ameri-

canista) encerra paisagens, pensamentos, sensações e arroubos que indicam fé, fé, muita fé no porvir e nas próprias forças. Não se conceberia outro caminho, pois as raças novas mal compreenderão as obscuridades vocabulares dos degenerados, que, para occultarem sua incapacidade mental, jogam com palavras, barulhentas umas, improprias quasi em totalidade.

Desde que na America os intellectuaes escreveram romances, facilmente se patenteou o rumo original das suas concepções. "Maria", de Jorge Isaacs, documenta-o. "Amalia", de José Mármol, documenta-o. Documenta-o "La chiquilla", que, aproveitando a experiencia das nações archaicas, evidencia alma especial e inconfundível.

Medindo os periodos, avaliando a forma, calculando o exterior de "La chiquilla", pouco da personalidade do autor se nos depara; mas no intimo, no fundo da inspiração, no que chamaremos o indefinivel da sensibilidade de cada artista, não ha duvida, fulgura a imprecisa nota que dá a González Peña alto posto na literatura do continente. Eis a origem da opinião aceita unanimemente: o escriptor mexicano é discipulo de Blásco Ibáñez.

E o é, incontestavelmente, porque applica ás suas theses os mesmos methodos usados pelo notavel valenciano, embora não se escravise aos seus planos sociaes e ás suas idéas politicas. "La chiquilla", olhada syntheticamente, tem a estructura de "Entre naranjos" ou de "La barraca"; porém analysada, dividida, microscopiada, é totalmente diversa dos livros de Blásco Ibáñez. Explica-se: González Peña é mais psychologo, que sociologo.

Observador e estheta, o escriptor mexicano não se extravia em divagações enfadonhas, que deturpam a nobre missão, — dupla missão, — do romance contemporaneo. Nem desengonça a phrase com macaquices futuristas, nem a chumba aos ásperos systemas de outrora. O que lhe vivifica o estylo é a franqueza, a facilidade de conceber formosuras e o conhecimento do idioma como é hoje. Maneja o castelhano sem preocupações de purista, porém com criterio. "La chiquilla", neste sentido, approxima-se

das novellas que são ditas em tom de palestra culta... jámais culterana.

González Peña empresta vigor ao periodo com a emoção do pensamento. Destilla as suas meditações em limpida phrase. Coordena os seus sonhos, minuciosamente escarpellados pela sua intuição critica, no ouro do mais singelo estylo, visto que lhe não agradam os bombasticismos dos Vargas Vilas e outros que taes. Vale a pena investigar a contestura das suas orações, desprovidas de qualquer sectarismo passageiro, todas cantantes e humanas. Longe estamos de apontal-as como modelos; entretanto nellas encontramos fibra rija, granito ás vezes, ás vezes nervos...

Estudamol-as e sentimol-as. Estudamol-as, metrificando-lhes as arrogancias, os espraifamentos e as surdinas. Sentimol-as, vibrando com a verdade que lhes emoldura o enredo. Estudamo-las, comparando-as aos moldes da arte consagrada. Sentimol-as, parizando-as aos sacudimentos da nossa imaginação.

Em "La chiquilla" um só typo não é destituído de necessidade: todos os actores das scenas se mostram indispensaveis.

El tambem isto patentea qualidade saliente, visto que os rabiscadores de hoje tecem noveletas onde perpassam personagens inuteis. Romances ha que se organizaram em torno de quasi cem bonecos e nenhum delles, todavia, vale o Pacheco, de Eça de Queiroz, ou o Jean Valjean, de Victor Hugo. Romances — chamam aos taes abortos assim — somente na denominação, esses se nos deparam nebulosos, desconchavados e arestosos, sem suavidade, nem delicadeza, sem uma pouca de possibilidade ao menos.

Não é o que se nota em "La chiquilla".

"La chiquilla" não se derrama, como gordura romantica e decadente, por paginas e paginas de retorica e espantalbaria. Os seus capitulos seguem-se, amarram-se, completam-se. Nada de solução de continuidade. Nada de excepções doentias, de caracteres extranumerarios ou vêsgos. Cada conceito promana